

## 6. Pecadores misericordiosos

São Bento pede que as falhas sejam apresentadas ao abade e à comunidade. Não para sofrer castigos, não para ser julgados, mas para receber o perdão, para voltar à casa do Pai. O abade e a comunidade são, portanto, chamados a ser como a encarnação da misericórdia de Deus, que acolhe sempre o pecador arrependido. Já vimos que a Regra, inicia aludindo ao regresso à casa do filho pródigo (cf. RB Pról. 2). Todo o mosteiro e toda a vida monástica, segundo a Regra, é, portanto, casa da misericórdia de Deus, a qual, voltamos e retornamos sempre de novo. A conversão constante que nos foi pedida, é este retorno contínuo a este lugar de pessoas, que encarnam a misericórdia de Deus. Outros capítulos da Regra, nos ajudarão a aprofundar este tema, essencial para a consciência que devemos ter da nossa vocação e missão, na Igreja e no mundo.

Hoje, gostaria de sublinhar um detalhe do capítulo 46, que é importante esclarecer imediatamente. O abade e a comunidade que acolhem de novo o irmão que errou, como são? São, talvez, monges perfeitos que podem julgar os outros?

Um detalhe, no final do capítulo, onde se fala dos pecados escondidos na alma, nos dá, discretamente, a resposta de São Bento. Escreve, de fato: "Mas, se a causa de seu pecado estiver escondida na alma, manifeste-o somente ao abade ou aos conselheiros espirituais, a alguém que saiba curar as próprias chagas e as dos outros e não as revela e conta em público." (RB 46,5-6)

As feridas mais profundas, e mais graves, são acusadas por quem na comunidade, é mais maturo espiritualmente, e portanto, por quem representa o fruto maduro de toda a comunidade, por quem representa toda a comunidade, como lugar de crescimento humano e cristão, na qual, cada membro é chamado. A comunidade, diante a qual, são acusadas as falhas exteriores, no seu núcleo mais maturo, é representada pelos anciãos, que podem acolher e cuidar das feridas mais profundas, do irmão pecador.

Então, e aqui está o ponto essencial, São Bento diz que o abade e os anciãos, os quais, o irmão pecador pode se confessar, é "alguém que saiba curar as próprias chagas e as dos outros – *qui sciat curare et sua et aliena vulnera*" (46,6). Portanto, se trata, de pessoas que também fizeram e continuam a fazer, a experiência de serem feridos, de necessitar de cuidado, de necessitar da misericórdia de Deus.

O homem maturo espiritualmente, não é, portanto, quem sempre foi perfeito, e nem mesmo quem se tornou, mas quem é ferido, quem sabe que é ferido, e sabe onde e como se cuidar. O homem saudável espiritualmente, não é quem não é ferido, mas quem se deixa cuidar sempre, quem procura e aceita, sempre de novo, a cura e a salvação, que Cristo nos oferece. São, portanto, aqueles que fazem experiência, por primeiro, da misericórdia de Deus, que cura os pecadores, e que por isso, podem ser misericordiosos com os outros. Sabem como ser misericordiosos como o Pai, porque o Pai os perdoou por primeiro. São Bento, como Jesus com seus apóstolos, quer os mais notórios na comunidade, sejam testemunhas da misericórdia de Deus, da misericórdia, a qual, fizeram experiência por primeiro.

Os anciãos espirituais para São Bento, não são os que olham os pecadores de cima para baixo, mas homens e mulheres, que também pecaram e que conhecem, testemunham e transmitem a experiência do perdão, que cura a alma. Portanto, devem ser companheiros na caminhada de conversão e de aceitação do perdão, em virtude de suas experiências de pecadores perdoados, de feridos sanados e curados pela misericórdia de Deus.

Não é o abade ou o ancião espiritual que cura o irmão ferido na alma. Cuida mas não tem o poder para curá-lo. Somente Deus, pode e sabe curar a alma humana, ferida pelo pecado e pelas conseqüências do pecado.

Os padres e madres espirituais, que pretendem curar a alma de quem se confia à eles, podem produzir danos muito graves, porque distorcem a obra da graça, no lugar onde só Deus pode agir. Porque é precisamente onde o homem faz experiência de sua ferida de pecador, que a Redenção de Cristo quer se manifestar.

O segredo pedido aos anciãos espirituais na confissão ou nas confidências dos irmãos feridos, comporta também o compromisso deste ancião, a não "utilizar" as feridas dos outros para seu próprio benefício, por exemplo, aquele de fazer o irmão ou irmã que acompanha, depender de si. O ato de revelar as próprias feridas, deve sempre ser livre, e voltado a uma liberdade sempre maior do irmão, nunca algo que cria uma dependência, porque Cristo quer nos curar e nos tornar livres para amar gratuitamente.

A consciência que aquilo que nos faz "anciãos espirituais" capazes de curar os outros, é o fato que também nós somos feridos, e isto nos faz humildes e livres. Os anciãos são pecadores misericordiosos, porque obtiveram misericórdia. Sabem de ser "servos inúteis" (Lc 17,10), porque não devem fazer nada mais que dar testemunho da misericórdia de Cristo, que os curou por primeiro, como São Pedro, São Paulo, Maria Madalena.

Esta consciência, deve, porém, lembrar ao irmão ou irmã, que confia suas feridas ao ancião espiritual, que não é dele ou dela, que deve esperar a cura que somente Deus pode dar. Não deve, nem mesmo, esperar que o abade ou ancião, façam um caminho de conversão no seu lugar. O padre espiritual não é uma nutriz que nos carrega como recém-nascidos, mas um companheiro que caminha ao nosso lado.

Assim, o valor principal, e talvez único, da relação com um padre ou madre espiritual, segundo São Bento, é o ouvir. Ouvir o irmão e ouvir o Espírito Santo, junto com o irmão, é o papel fundamental do ancião. Juntos, devem pedir e buscar a orientação do Espírito Santo.

O ouvir é como a alvorada do perdão de Deus. Ouvindo, o padre recebe a ferida da alma do irmão e o acompanha para a misericórdia de Deus, que cura.

A acusação das próprias feridas, do próprio pecado, das próprias falhas, liberta o coração e a vida do fechar-se em si, com o qual o homem reage ao seu pecado, desde Adão e Eva. Falando, se acusando, o irmão se abre, como se abre uma porta. São Bento aqui usa o verbo "*patefacere*" (46,5), abrir, como se abre a porta de casa, para deixar entrar um convidado, um amigo. Neste caso, se deixa entrar Cristo que bate na porta para entrar e jantar conosco, e nos curar de todo o mal com sua presença, com sua amizade, que revela o Pai (cf. Ap 3,20-21).